

# Em tempos de sexualidade plástica, o item lexical “heteroafinidade”

*Times of plastic sexuality,  
the lexical item “heteroafinidade”*

**Ismar Inácio dos Santos Filho**

*Uneal (Campus de Arapiraca)/Instituto Logos  
ismarinacio@yahoo.com.br*

A large, stylized black number 6 is centered on the right side of the page. The background consists of numerous thin, vertical grey lines spaced evenly across the width of the page.

## Resumo

No contexto de uma pesquisa de doutoramento acerca da construção sociodiscursiva da bissexualidade, resolvemos refletir sobre a declaração de um gay, em entrevista à imprensa: “Sou 100% gay, mas, às vezes, tenho devaneios de heteroafinidade”. Nesse trecho, focalizamos a análise da palavra “heteroafinidade”, pois compreendemos que a palavra é discurso, conforme propõem Bakhtin (2004), Cereja (2005), Fairclough (2001), Stella (2005), dentre outros autores. Tendo a ACD como suporte teórico-metodológico, desenvolvemos um estudo lexical-discursivo com o objetivo de depreender o uso político e ideológico desse item lexical. As reflexões apontam para uma lexicalização de significados da sexualidade contemporânea: o diálogo de “confronto” com os valores arraigados na sociedade no tocante à sexualidade única, bem como para uma estratégia de defesa da face.

Palavras-chave: Lexicalização. Sexualidade. Análise do discurso.

## Abstract

In the context of doctoral research on the construction of bisexuality, we reflect on the statement of a gay, in an interview: “I am 100% gay, but sometimes I have 'dreams' of heteroafinity”. In this article we focus the analysis on the word “heteroafinity” because we understand the word as discourse (BAKHTIN 2004; CEREJA, 2005; FAIRCLOUGH 2001, STELLA, 2005, among others). With Critical Discourse Analysis as theoretical-methodological support, we develop a lexical-discursive study, in order to infer the political, ideological use of this lexical item. These reflections point to a lexicalization of contemporary meanings of sexuality: the dialogue of “confrontation” with the values entrenched in society with regard to only one sexuality and for a face strategy of defense.

Keywords: Lexicalization. Sexuality. Discourse analysis.

## 1 Situando a discussão...

Em 26 de abril de 2010, o jornal *O Dia* publicou a notícia intitulada “Serginho emplaca bordão no 'Zorra Total' e planeja lançar livro sobre seu estilo”, referindo-se ao ex-BBB Sérgio Franceschini, o Serginho, que é assumidamente gay e que, enquanto esteve confinado na casa do *reality show* global, foi autor de uma grande polêmica no país: seu interesse afetivo e sexual por Fernanda Helena, uma das participantes do programa. Tal notícia é entremeada por falas de Serginho, exemplificadas no trecho abaixo, no qual certamente foi questionado sobre seu *affair* com Fernanda:

Apesar de se dizer bem resolvido, Serginho causou polêmica ao dar em cima da ex-companheira de confinamento, Fernanda. “Quis beijar a Fernanda, sim. E acho que ainda pode rolar aqui fora”, diz ele, admitindo que se relaciona com meninas também. “Já namorei uma mulher por dois anos e tive com ela minha primeira e única experiência sexual com alguém do sexo oposto. **Sou 100% gay, mas, às vezes, tenho devaneios de 'heteroafinidade’**”, explica.

Nessa notícia, especificamente na fala destacada, recai nosso interesse de reflexão, visto que acreditamos que a enunciação da palavra “heteroafinidade” possibilita-nos pensar a respeito de identidade sexual. Nesse sentido, a reflexão aqui se propõe a levar a cabo uma discussão sobre identidade sexual na atual sociedade, que será costurada perpassando pelos estudos da linguagem, especificamente pelos estudos da palavra e, para além destes, pelos estudos da enunciação e do discurso.

Sendo assim, no tocante à palavra “heteroafinidade”, entendemos que não basta ver nela os seus significados linguísticos, estruturais, isto é, seus possíveis sentidos imanentes, mas é necessário também compreendê-la através do viés enunciativo-discursivo, dos posicionamentos ideológicos. Partindo desses axiomas, analisamos a palavra “heteroafinidade” com base na Análise Crítica do Discurso (ACD), via os estudos e as proposições de Norman Fairclough (2001, 2003), para quem o estudo discursivo crítico é entendido como a análise da relação dialética entre a semiose (aqui, o sistema linguístico) e outros elementos da prática social. Desse aparato teórico-metodológico, realizamos a análise do discurso com base especificamente no significado representacional, o estudo do discurso efetivado no uso da palavra por Serginho. Entretanto, perpassamos pela análise do significado acional, para o qual a análise recai sobre o gênero discursivo. Nessa direção, a partir dessa proposição é que estudamos a palavra como uma propriedade analítica, objetivando situá-la na prática social, em seus aspectos culturais, ideológicos e políticos.

Entendendo que Fairclough (2001) não engessa a proposta metodológica para a análise do discurso e que esta se coaduna com as ideias bakhtinianas, afunilamos a análise seguindo a proposta de estudo da palavra explicitada por Stella (2005), para quem devemos: i) observar a palavra inoculada pelo gênero, ii) discutir as propriedades definidoras da palavra e iii) observar a entoação apresentada no contexto de circulação dessa palavra.

O texto está estruturado nas seguintes partes: *As bases analíticas do discurso*, na qual apresentamos a ACD em sua relação com os estudos bakhtinianos e estabelecemos as categorias de análise desse estudo; *Em tempos de sexualidade plástica*, na qual discutimos alguns pressupostos acerca da ideia de sexualidade na atualidade; *O item lexical “heteroafinidade” em análise*, momento em que realizamos a análise da palavra heteroafinidade; e, por fim, a *Conclusão*.

## 2 As bases analíticas do discurso

Com o intuito de desenvolver a reflexão sobre a palavra “heteroafinidade”, optamos por fazê-la sob os pressupostos da ACD, pois compreendemos que esse/a “jeito”/“proposta” de estudo do discurso é apropriado/a para a discussão, visto que sua grande perspectiva, dentro das pesquisas de Fairclough, é tratar das semioses que, em relação com outros aspectos da prática social, tal como a consciência, os valores culturais, as identidades sociais e as relações sociais, figuram relações de poder, no sentido de que instituem controvérsias nesses mesmos aspectos. Assim, a palavra “heteroafinidade”, ao ser usada, situa-se em meio aos valores da heteronormatividade, em meio à grande luta ao que se refere às questões sexuais, entre o biológico, o divino e o social, cultural e discursivo.

Nesse sentido, os pressupostos da análise crítica do discurso sustentam que todas as relações sociais se dão via linguagem, a qual, em perspectiva socioconstrucionista, acaba por instaurar, sustentar e/ou desconstruir tais relações sociais. Isso se dá desse modo em virtude do fato de que a linguagem em uso produz discurso, que se configura como ações sócio-históricas e como práticas sociais. Por esse ângulo, compreendemos que a palavra também se configura como discurso, como construtora de ações e práticas sociais. Logo, instituímos a semiose – no nosso caso, a palavra – e o discurso como as categorias analíticas macro deste estudo. Assim, acreditamos, com base nas ideias de Fairclough (2001) e van Leeuwen (2006), para quem discurso é um modo de “representação” (conhecimento seletivo de algum aspecto da realidade), que, a partir dos significados produzidos, são gerados determinados

efeitos sociais; sendo um modo de ação social e historicamente situado. Logo, um momento (parte) da prática social, o qual representa a realidade, estabelece relações sociais e cria, reforça ou reconstitui identidades sociais.

Seguindo esse raciocínio, ao elegermos o discurso como categoria analítica, entendemos que este se constrói no bojo das práticas sociais, práticas discursivas: gênero discursivo e representações. Esclarecemos que, ao elencarmos discurso como categoria analítica, elegemos nosso foco sobre a representação e perpassamos por outra como o gênero discursivo. Ou seja, aceitamos a orientação de Fairclough (2003), quando propõe que a análise se dê com base nos significados acional, representacional e identificacional: gênero, discurso e estilo, respectivamente. Entretanto, não trataremos do estilo neste estudo.

Acerca da palavra, Fairclough (2001) afirma que novos discursos se refletem em novas lexicalizações, logo, estas são configurações particulares. Além disso, ele defende que “perspectivas diferentes sobre os domínios da experiência implicam formas diferentes de expressar essas experiências” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 236). Sobre o processo de criação de palavras, alerta-nos para o fato de que a criação de uma palavra nova pode ser uma reexpressão (relexicalização, nas palavras de Halliday, 1978), “a geração de novas palavras que são estabelecidas como alternativas às existentes, ou oposições a elas” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 239).

Na esteira das teorias do discurso, aproximamo-nos das ideias bakhtinianas e também da tese de Brait (2006, p. 09-10) de que “o conjunto das obras do *Círculo* motivou o nascimento de uma análise/teoria dialógica do discurso”. Por isso, acreditamos ser possível compreender que discurso, como “a língua em sua integridade concreta e viva” e “expressão de posição”, pode ser associado a discurso como “representação”, um conhecimento de um aspecto da realidade, em Fairclough. Por isso, a análise seguirá a proposta da ACD, objetivando assumir seus pressupostos, mas se efetivará pela proposta/modelo de análise da palavra, segundo Stella (2005), na análise/teoria dialógica do discurso. Esse pesquisador, ao realizar a análise da palavra *saúde*, faz isso do seguinte modo:

- i) Observa a palavra inoculada pelo gênero,
- ii) Discute as propriedades definidoras da palavra e
- iii) Observa a entoação apresentada no contexto de circulação dessa palavra.

A palavra, nos estudos de Bakhtin, também está relacionada à vida, à realidade; faz parte dos processos de interação e concentra entoações,

expressa posições. Para essa teoria dialógica do discurso, as palavras apresentam atribuições de valores, são avaliações de uma dada situação histórica. Stella (2005, p. 178) confirma essa ideia ao dizer: “O falante, ao dar vida à palavra com uma entoação<sup>1</sup>, dialoga diretamente com os valores da sociedade, expressando seu ponto de vista em relação a esses valores”. Ainda para Stella (2005, p. 178), a palavra concentra “[...] em seu bojo as lentas modificações ocorridas na base da sociedade e, ao mesmo tempo, pressionando uma mudança nas estruturas sociais estabelecidas”. Nesse sentido, a palavra nasce dentro de um projeto discursivo específico, dentro das percepções sobre o mundo, para configurar o mundo projetado.

Dessa forma, acreditamos que, ao realizarmos o estudo dessa maneira, iremos nos aproximar dos significados acional, de gênero e representacional de discurso. Assim, a prática da análise se dará pela descrição e pela interpretação da palavra como uma das marcas do projeto discursivo, situado numa dada prática social.

### 3 Em tempos de sexualidade plástica

A palavra “heteroafinidade” usada por Serginho, destacada da notícia anteriormente citada, surge em uma época na qual entendemos, ao menos academicamente, que a sexualidade é maleável. Assim, para, de fato, analisarmos a palavra pela perspectiva discursiva, tentando aproximação com seus sentidos culturais, políticos e ideológicos, faz-se necessário atentar para o modo como a sociedade pensa a conduta sexual humana. A discussão nessa parte do texto permite-nos o vislumbamento do contexto macro do uso da palavra em estudo.

Desse modo, é salutar o esclarecimento de que a nossa atual sociedade ainda lida com as condutas sexuais pela ótica do sistema de gênero inteligível, aquele para o qual existe uma sexualidade verdadeira, natural, divina: a heterossexualidade. Ou seja, para o senso comum dominante, o masculino e o feminino são aspectos do ser humano que nascem fixados em cada sujeito, dependendo do sexo, e que instituem e mantêm coerência e continuidade com a prática e o desejo sexuais. O esquema<sup>2</sup> que segue ilustra essa compreensão.

---

<sup>1</sup> Ao nos referirmos à *entoação*, não estamos discorrendo acerca da variação tonal incidida sobre uma palavra ou oração em uma enunciação oral.

<sup>2</sup> Elaboração nossa com base nas ideias de Butler (2003), a respeito dessa ordem social vigente, e de Schiebinger (2001), sobre terminologia, quando discute os estudos de gênero e a ciência.

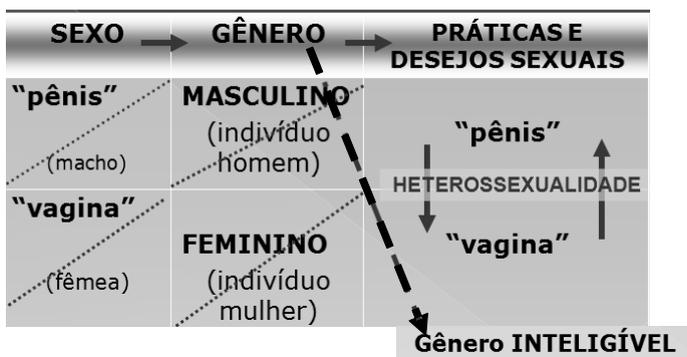


Figura 01 – Esquema do sistema *gênero inteligível*  
 Fonte: Santos Filho (2009).

Seguindo a inteligibilidade de gênero, apontada no esquema acima, compreendemos que

[...] o sujeito que nasce com um “pênis”, isto é, que é o macho, automaticamente é masculino. O mesmo ocorre então com a mulher, o indivíduo que biologicamente é fêmea. Por esses parâmetros, em suas práticas e desejos afetivos, sexuais e eróticos, esses sujeitos devem se relacionar opostamente. Ou seja, esses indivíduos são e devem ser heterossexuais (SANTOS FILHO, 2009, p. 1).

Nessa percepção, a identidade sexual é algo que faz parte da essência de cada sujeito. O sujeito nasce heterossexual. Ainda nesse bojo de questões, a conduta sexual de um sujeito deve ser única e eterna, caso contrário, o sujeito é tomado como “problemático”. Logo, toda e qualquer conduta diferente da heterossexualidade é encarada como desviante, não natural. Sendo assim, em que sentido a palavra heteroafinidade adentra essa discussão?

Os estudos de Butler (2003) possibilitam-nos entender que o masculino e o feminino não são categorias fixadas aos sexos. Ao contrário, são construções contextuais, pois decorrem das maneiras como as sociedades tratam/lidam com o sexo. Esse autor afirma também que essa construção não se dá sobre uma subjetividade estabelecida, mas que, à medida que aquele que nasce com pênis, construído como macho, é também construído como masculino, aquela que nasce com vagina, construída como fêmea, é também construída como feminino, maneiras como são forjados os sujeitos. Outro aspecto importante a ser entendido é o fato de que o traço fundamental para

que se configurem o masculino e o feminino é a efetivação da sexualidade dentro dos parâmetros da inteligibilidade. “Dito de outro modo, o masculino e o feminino se 'realizam' através da prática heterossexual” (SANTOS FILHO, 2010, p. 71). Nesses moldes, a nossa sociedade sempre chama os sujeitos para seguirem essa matriz do gênero inteligível, bem como para ensaiarem e repetirem os ensaios dos traços que garantem ao gênero a aparência de substância, via o discurso.

Em meio a esse emaranhado de percepções, as reflexões acerca da sexualidade também nos permitem compreender que a mesmidade não existe nos sujeitos contemporâneos e que a inteligibilidade de gênero nunca mesmo existiu em outros sujeitos, em outras épocas. Diferentemente, o que existem são posições-de-sujeitos, assumidas, aceitas, mas não eternas (BUTLER, 2001; CAMERON; KULICK, 2003; LOURO, 2008; MOITA LOPES, 2003, 2006; PARKER, 2001; WEEKS, 2001). Essa outra postura em relação à sexualidade, possivelmente, tem-se dado devido ao processo reflexivo de autodenominação *queer* pelos homossexuais, no qual eles falam de si, reivindicam legitimidade e usam o mesmo vocabulário e as mesmas categorias para a sua desqualificação, o discurso do retorno (GUIMARÃES, 2004), fato que nos impõe a sexualidade como propriedade do eu, a qual pode ser reflexivamente alcançada, interrogada e desenvolvida (GIDDENS, 1993). Estaria(m) situado(s) nessa direção o(s) sentido(s) para a palavra heteroafinidade? Por isso, para o senso comum dominante, a homossexualidade, mesmo sendo compreendida como desviante, a cada dia, é mais “aceita”. Logo, ou se é heterossexual ou se é homossexual, aceitação ainda polarizada, dentro da matriz da inteligibilidade. De que modo a homossexualidade é encarada pelo autor da palavra aqui estudada? Ele entende a sua sexualidade como posição-de-sujeito ou como um já-lá desviante da inteligibilidade de gênero?

Pelo ângulo da posição-de-sujeito, a sexualidade não é mais preestabelecida. A inteligibilidade não é mais o parâmetro. Concorre também para essa outra noção de sexualidade o fato de que nas sociedades contemporâneas não há um quadro de referência estável, como ocorreu em sociedades passadas, logo, a vida pessoal é um projeto aberto e, sendo assim, “[...] as identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós [...]” (HALL, 2000, p. 112). Portanto, a sexualidade não é mais preestabelecida, ou seja, não é condição para a procriação; torna-se maleável, isto é, plástica (GIDDENS, 1993), passando a ser vivenciada de diversos modos, sujeita a ser assumida de

diversas maneiras pelo chamamento discursivo, visto que este instala uma decisão sobre o(s) jeito(s) de ser. A palavra heteroafinidade apontaria para essa sexualidade maleável? Um caso recente no Brasil ilustra a sexualidade maleável. Em entrevista à revista *Quem*, de 26 de março de 2010, edição 498, a atriz Claudia Jimenez falou sobre a sua sexualidade. Vejamos alguns trechos:

**QUEM:** Sua vida pessoal começou a chamar mais a atenção depois que, ao fim de relacionamento de dez anos com a personal trainer Stella Torreão, você começou a sair com rapazes. Como se deu essa mudança?

**CLAUDIA JIMENEZ:** Tive algumas relações com mulheres e fiquei casada com Stella por dez anos. Ela foi o maior amor de minha vida [...]. Hoje, ela é minha irmã [...]. O amor de Stella me fez ter coragem de me reconciliar com os homens, porque, até então, eu achava que não tinha cacife para seduzir homem nenhum, porque eu era fora dos padrões, era gorda, tinha autoestima baixa.

**QUEM:** E como foi essa primeira vez aos 49 anos?

**CJ:** Foi maravilhoso! [...] Rodrigo é lindo, é sedutor pra caramba, é carinhosíssimo e fiquei de quatro por ele. A primeira vez foi na minha casa. Foi muito especial. Ele foi me ensinando tudo. Foi impressionante, porque eu tinha 49 anos, mas sexualmente, em relação aos homens, estava me iniciando [...].

**QUEM:** Você conseguiu atingir o orgasmo logo de cara?

**CJ:** Foi imediato, no primeiro dia [...]. Dentro da minha sexualidade, em relação aos homens, ele foi a pessoa mais importante, a primeira referência.

Os trechos destacados possibilitam-nos entender que Claudia Jimenez passou por um processo de mudança de sua conduta sexual, transitando da homossexualidade para a heterossexualidade, iniciando-se aos 49 anos como heterossexual, com todos os aspectos que a conduta exige: amor, paixão, sexo, orgasmo etc. Esse caso serve-nos para pontuar que os sujeitos são tomados como viajantes, inclusive em sua identidade sexual, para o qual

[...] Não há lugar de chegar, não há destino pré-fixado, o que interessa é o movimento e as mudanças que se dão ao longo do trajeto [...] os sujeitos [...], ao invés de cumulativo e linear, caracterizam-se por constantes desvios e retornos sobre si mesmo, um processo que provoca desarranjos e desajustes, de modo tal que só o movimento é capaz de garantir algum equilíbrio (LOURO, 2008, p. 13).

Nesse sentido, a sexualidade é apenas uma costura temporária entre o discurso sobre a prática e a própria prática, num processo de aceitação, por parte do sujeito interpelado. Logo, não podemos falar em sexualidade fixa, mas entender que a sexualidade é como um fio de algodão, sempre suscetível a rupturas e a novas configurações. A sexualidade é plástica (GIDDENS, 1993). Em função disso, questionamos: que efeitos de sentido são propostos pelo uso da palavra heteroafinidade no que diz respeito à identidade sexual de Serginho?

#### **4 O item lexical “heteroafinidade” em análise**

Agora, estreitamos a análise ou a realizamos, de fato. Como já anunciamos, assumimos o modelo de análise da palavra construído pelos pressupostos bakhtinianos, com Stella (2005), no qual a análise efetiva-se através da observação da palavra contagiada pelo gênero, pelas propriedades definidoras da palavra e pela observação da entoação da palavra em seu contexto de circulação. Tal análise objetiva compreender a representação que se constrói, acerca da sexualidade, entendendo que o discurso está sempre em meio a uma batalha de significados. Tentamos com a análise aproximarmo-nos das controvérsias discursivas, nos pressupostos de Fairclough (2001, 2003), em relação às identidades sexuais.

##### **4.1 A palavra inoculada pelo gênero**

O que significa a palavra estar inoculada pelo gênero? É o entendimento de que a palavra, ao ser usada, sempre nasce dentro de um projeto discursivo específico, particular, e que esse projeto toma corpo através do gênero, que é entendido como a ação realizada. Desse modo, compreendemos que o gênero contagia a palavra com seus efeitos de sentido. Logo, está para a palavra o significado acional. Ou, a palavra coparticipa dos sentidos configurados pelo gênero.

Em nosso estudo, a palavra surge no gênero notícia jornalística. Entretanto, é muito importante considerar que a palavra heteroafinidade ganha vida ao ser usada por Serginho em uma entrevista. Logo, devemos pensar a palavra nos dois gêneros e como os sentidos de gênero vão configurando os sentidos da palavra. Entendemos, com Cunha (2003), que a notícia é um dizer sobre o dizer. Ou seja, a notícia é um gênero que tem como ação relatar um fato, um acontecimento e, neste, falas que ajuda(ra)m a construí-lo. Desse modo, entendemos que a fala destacada de Serginho, na qual aparece a palavra “heteroafinidade”, é uma voz citada, supostamente, para responder a uma das perguntas a que sempre toda e qualquer notícia almeja responder sobre o fato:

“Por quê?”, visto que essa é uma das perguntas centrais, juntamente com “O quê?”, “Quem?”, “Quando?”, “Onde?”, “Como?” e “E daí?”. Sendo Serginho um ex-BBB recém-saído do confinamento, uma recente celebridade, a notícia girou em torno da apresentação para o público das conquistas artísticas pós-BBB. Todavia, parece-nos que, como se explicita no título, o lançamento de um livro sobre o seu estilo é o mote para a notícia. Porém, é o estilo de Serginho que ganha destaque no texto. Dentro de nossa discussão, entendemos que é a sua identidade, a posição-de-sujeito, que é apresentada/noticiada.

O texto noticia uma celebridade, apresentando-nos seus modos de ser. Descreve-o como sujeito que usa maquiagem, *shorts* curtíssimos, sapatos de bico fino, autodenominado de visual *clubber*, excêntrico e imaginado como o rei dos emos. É mostrado como aquele que faz carão, que não para quieto, que possui trejeitos inconfundíveis. Aquele que por preconceito já foi solicitado a “falar que nem homem”, que é homossexual assumido e que afirma “sou 100% gay”. É um “garoto diferente na forma de pensar, de agir”. É descrito como único e sem preocupação. A foto que ilustra o texto traz Serginho deitado, de cabeça para baixo (ângulo para o leitor do jornal), supostamente produzindo efeitos de fuga aos padrões sociais instituídos, como vemos abaixo:



Figura 01: Foto de Serginho em notícia no jornal *O Dia*, em 26/04/2010

Após descrever a celebridade recém-saída do confinamento, a notícia chega ao que parece querer retratar como acontecimento: o fato de esse mesmo jovem, assumidamente gay, ter tido um *affair* com uma companheira de confinamento, o que gerou polêmica no país, visto que já compreendemos que o senso comum dominante imagina que a sexualidade do sujeito deve ser única e eterna: a heterossexualidade; ou, em tom polarizado, e mesmo sendo entendida como desviante, não natural, a homossexualidade. Dessa maneira, a polêmica gera-se aí, no fato de Serginho parecer não se adequar ao imaginário social em sua sexualidade. Assim, a notícia configura-se como sensacionalista. Logo, o uso da palavra heteroafinidade nasce como configurando sentidos em um texto sensacionalista, de exibição da personalidade de um artista que está no momento nas lentes das câmeras midiáticas, em um acontecimento que mexe com as convicções sociais. Nesse sentido, a palavra heteroafinidade é citada também em tom sensacionalista, como explicação do comportamento da celebridade. Como sabemos, a notícia, e nesta a palavra estudada, surge como apenas um relato do espetacular.

E se pensarmos a palavra em seu uso em uma entrevista jornalística para o jornal *O Dia*? Para tal empreitada, é vital sabermos que o propósito de realização de uma entrevista midiática jornalística é o de suscitar informações ou opiniões de figuras públicas que estão nas notícias, nesse caso, um artista, na intenção de fazer com que este seja conhecido (HOFFNAGEL, 2003). Ainda de acordo com Hoffnagel (2003, p. 184), quando a entrevista jornalística é com um artista, esta tem como “objetivo apresentar o artista para que os leitores o conheçam melhor, saibam dos seus gostos e desgostos, suas opiniões ou conselhos para resolver problemas da vida, principalmente, os problemas amorosos”. Nesse caso, parece focalizar o *affair* de Serginho, gay assumido, com uma mulher, como vemos nos trechos de fala destacados adiante. Além disso, a pesquisadora informa-nos também que

Uma característica específica das entrevistas na mídia, oral e escrita, é que, além do entrevistador e do entrevistado como participantes principais, há também a audiência [...], que, embora participante passiva, no sentido de que não participa diretamente, está sempre presente para os entrevistadores e entrevistados. Neste sentido, tanto as perguntas como as respostas são formuladas com uma audiência específica em mente (HOFFNAGEL, 2003, p. 183).

Desse modo, é importante considerarmos que, se são esses os propósitos da entrevista, enquanto texto jornalístico, enquanto perguntas para o artista, então, o que ela é para o entrevistado, aqui Serginho? Aqui cabe uma

observação: não temos, nesse caso, o acesso à entrevista de Serginho ao *O Dia*, ao contrário, a inferimos, visto que a notícia sobre o ex-BBB está recheada de citações de falas suas, logo, fora do contexto da pergunta/resposta. Entretanto, é essencial que a partir da fala recortada possamos aventar a pergunta realizada. Vejamos a citação na qual aparece a palavra em estudo:

- “Sempre fui um garoto diferente na forma de pensar, de agir. Aos 14 anos, adotei visual diferenciado, *clubber*, e comecei a usar maquiagem”.
- “Já fui vítima de preconceito. Uma vez estava em frente a um bar, quando *skinheads* perguntaram se eu era o rei do emos. Respondi que não era rei de nada e mandaram que eu falasse que nem homem. Me empurraram e tive que chamar a polícia”.
- “Recebo cantadas de mulheres. Outro dia, uma menina perguntou se eu queria ir ao apartamento dela. Era linda e bem vestida”.
- “Quis beijar a Fernanda, sim. E acho que ainda pode rolar aqui fora”.
- **“Já namorei uma mulher por dois anos e tive com ela minha primeira e única experiência sexual com alguém do sexo oposto. Sou 100% gay, mas, às vezes, tenho devaneios de 'heteroafinidade’”.**
- “Não ganhei R\$ 1,5 milhão no BBB, mas ganhei 1 milhão e meio de experiências”.
- “Bate, rebate, finge que bate, e faz o carão”.

Pelo exposto, responder à entrevista é fornecer informações acerca de sua vida: modos de ser, opinião da sociedade sobre si, mulheres, homossexualidade *versus* heterossexualidade, prêmio BBB e trejeitos, no intuito de melhor se apresentar para o público, a audiência, mas ficando de grande modo controlado pelas perguntas, as quais vão ditando suas reações, suas respostas. Por esse ângulo, é possível imaginar que o entrevistado necessite buscar estratégias na formulação de suas respostas, na tentativa de não se expor além do considerado necessário.

Todavia, se podemos entender que as respostas nas entrevistas são pequenas narrativas (GEORGAKOPOULOU, 2006, vislumbramos que, além de narrar suas histórias, o entrevistado está construindo representações acerca de si e de sua vida, visto que ao falar de si se posiciona, isto é, localiza-se na conversa, pois se engaja na construção de significados (MOITA LOPES, 2009;

GEORGAKOPOULOU, 2006). Logo, o entrevistado, ao falar de si, posiciona-se, negocia posições e pode reposicionar-se. Assim, muito mais do que apenas relatar fatos de sua vida e suas experiências, o entrevistado gera significados, ao mesmo tempo que pode escapar de outros. Dessa maneira, à medida que fala, propõe determinados efeitos discursivos sobre si e espera que estes também sejam construídos pela audiência, construindo-se e construindo a vida social.

Por essa via de compreensão, a palavra “heteroafinidade” surge na fala de Serginho para responder acerca da relação homossexualidade *versus* heterossexualidade. A pergunta supostamente, após esclarecimentos de seu comportamento, de certo modo, travestido, tendo em vista sua vestimenta e seus trejeitos, é sobre o que a sociedade considerada algo “problemático”, como já discutimos: a não sexualidade única e eterna, seja preferencialmente a heterossexualidade, seja a homossexualidade. O *affair* com Fernanda e o fato de ele admitir que recebe cantadas de mulheres e que já se envolveu com o sexo oposto geraram na sociedade brasileira uma polêmica, devido à incredulidade, como constatamos em alguns comentários na internet:

- Táaaa... Papai Noel existe sim... e mora na Bahia!!!
- É mais fácil um boi voar [...]. Não creio nessa. Cruz-credo!!!!
- Gentee o q a abstinência sexual faz com as pessoas hein?
- A gente acredita!!!, assim como existe ex anão.
- [...] isso é tão somente carência sexual [...].
- Desconheço ex torcedor do Bahia e ex viado. Sai dessa Serginho.

Logo, o item heteroafinidade surge para a produção de sentidos sobre si, como (e para) a “organização básica da experiência humana” (BASTOS, 2004, p. 119). A palavra é então a lexicalização do posicionamento, ou melhor, de uma negociação de posição; é um reposicionamento em relação aos sentidos que a sociedade pode gerar. O uso dessa palavra é uma tentativa de escapar dos sentidos já consolidados socialmente para esse comportamento: bissexualidade. É em função de ser um reposicionamento que há a criação de uma nova palavra: “heteroafinidade”. Eis por que nasce esse neologismo.

#### **4.2 As propriedades definidoras da palavra**

Tradicionalmente, a palavra é estudada em uma perspectiva estritamente linguística, estrutural, isto é, a palavra na tradição gramatical é

compreendida através da análise mórfica, a análise de sua formação. Por esse ângulo, a palavra nova, seja em significantes, seja em significados, recebe o nome de neologismo. Com Carvalho (1984) e Valente (2005), entendemos que neologismo é a palavra nova, inventada, em forma (de significantes) ou em sentido (significados), que ainda não foi dicionarizada. Para Carvalho (1984), os neologismos formais são mais produtivos, certamente pelo fato de a criação ser mais perceptível. Na explicação, Valente (2005, p. 132) salienta que são as transformações sociais que demandam novas palavras para denominá-las. Nesse sentido, a palavra “heteroafinidade” é um neologismo, uma nova palavra, inventada por Serginho para significar sua experiência. É um neologismo formal, visto que é a construção de um novo significante, formado por composição, através da redução da palavra heterossexual/heterossexualidade, “hétero”, com a palavra “afinidade”.

Entretanto, como afirma Carvalho (1984, p. 10), “mais que um ato linguístico, portanto, a criação é um ato social, uma tentativa de impor uma visão de mundo a uma comunidade”. É por isso que optamos pelo viés enunciativo-discursivo de análise, entendendo que este é mais viável quando queremos compreender o discurso, não apenas a imanência das formas.

Logo, a análise nessa etapa tenta perceber a palavra “heteroafinidade” pelo conceito de palavra em perspectiva enunciativa, aquele que se define pelos atributos de *pureza semiótica*, *possibilidade de interiorização*, *possibilidade de circulação externa e interna do signo* e *neutralidade*, de acordo com Bakhtin (2004) e Stella (2005), pois estes nos possibilitam pensar o uso da palavra enquanto interação.

Quando nos referimos à ideia de que a palavra possui pureza semiótica, estamos compreendendo que a palavra tem significação e tema (BAKHTIN, 2004), ou seja, que contém traços mais ou menos estáveis de significação, mas que é apenas no uso que ela ganha o sentido. Logo, a palavra possui *pureza semiótica*. Ela pode ser usada em qualquer esfera e em qualquer gênero. Por isso, a palavra heteroafinidade ganha tom de sensacionalismo, relato do espetacular, no gênero notícia e no gênero entrevista surge como uma tentativa de se opor aos sentidos da palavra bissexualidade, negando-os, redimensionando-os. No atributo *possibilidade de interiorização*, entendemos que a palavra, por possuir pureza semiótica, perpassa um processo de confronto na consciência, na medida em que os sujeitos com ela se deparam. O confronto se dá pelo fato de que há um embate entre os sentidos já consolidados na consciência sobre a experiência (e/ou a própria palavra) e o

tema com o qual ela aparece naquele dado uso. Certamente, com a palavra em estudos, para a interiorização, o embate se realiza entre as significações de “hétero” e “afinidade” e ainda com a significação da palavra bissexualidade, visto que, como vimos anteriormente, a palavra surge para denominar uma conduta sexual, que socialmente é reconhecida por esse termo. Logo, ao ser enunciada por Serginho, a palavra “heteroafinidade” põe em circulação diversas significações (os sentidos dicionarizados), tais como:

**heterossexual** [ks] *adj.2g.* 1. Relativo à afinidade ou aos atos sexuais entre indivíduos de sexos diferentes. *Adj.2g.* e *s.2g.* 2. (Pessoa) que tem essa afinidade ou pratica esses atos. → **heterossexualidade** *s.f.* Antôn.: *homossexual* (LUFT, 2000, p. 367).

**afinidade** *s.f.* 1. Qualidade de afim. 2. Parentesco. 3. Conformidade. 4. Grau de semelhança a relação. 5. Identidade ou semelhança de tendências ou sentimentos (LUFT, 2000, p. 44).

**bissexual** [ks] *adj.2g.* 1. Que apresenta os dois sexos; hermafrodito. 2. Relativo ao comportamento sexual com indivíduos de ambos os sexos. *Adj.2g.* 3. (Pessoa) que tem esse comportamento (LUFT, 2000, p.117).

**bissexualidade** [ks] *s.f.* qualidade ou caráter de bissexual; bissexualismo (LUFT, 2000, p. 117).

Desse modo, é necessário que compreendamos que a palavra tem circulação interna, nas consciências, e circulação externa, originando-se do intuito comunicativo do eu discursivo. Certamente, na criação e na leitura da palavra enunciada pelo ex-BBB, foi necessário acessar tais significados dicionarizados já interiorizados em nossas consciências para, assim, construir outros sentidos propostos pela palavra “heteroafinidade” nas peculiaridades nas quais surge. Pelo exposto, é deveras importante o entendimento de que a palavra heteroafinidade, bem como qualquer outra, possui neutralidade, ou seja, se dissermos que ao ser usada pelo jornalista no gênero notícia ela ganha determinado tom, o do sensacionalismo, e de que no gênero entrevista ela ganha o tom de negação de bissexualidade, é porque toda e qualquer palavra é *neutra*, no sentido de que pode possuir significações, entretanto, o tema, a entoação valorativa, só se configura nas enunciações.

#### 4.3 As entoações valorativas

Ao falarmos em entoação, estamos nos referindo aos valores propostos, com a enunciação de dada palavra, à posição assumida pelos

efeitos de sentido pretendidos, além de falarmos, do mesmo modo, em uma visão de mundo que acaba por construir um efeito social, o qual de algum modo interpela as identidades, nessa discussão, a identidade sexual.

É oportuno questionar quais valores são propostos com os usos da palavra heteroafinidade. No gênero entrevista, inferimos que, ao usar o neologismo heteroafinidade, Serginho está se posicionando em relação à sua conduta sexual e, muito mais que isso, reposicionando-se, visto que socialmente já existe outra palavra que é usada para a experiência a qual ele aborda: a relação sexual com pessoas de ambos os sexos. Todavia, se ele prefere criar uma nova palavra, isso acontece porque possivelmente ele tenta negar os significados já cristalizados para tal conduta sexual, aqueles dicionarizados para a palavra bissexual/bissexualidade, como constatamos anteriormente com Luft (2000). Essa posição de Serginho é reforçada quando ele, explicitamente, declara em seu Twitter, em 23 de maio de 2010: “E em relação a eu ser GAY, sim eu SOU GAY. E sentir atração por uma menina não me torna bissexual de forma alguma. Heteroafinidade existe sim!”.

Por esse entendimento, para o ex-BBB, bissexual seria o sujeito que é ao mesmo tempo heterossexual e homossexual, de modo constante. Já o sujeito que possui apenas heteroafinidade pode ter relações com ambos os sexos, mas isso não seria uma prática constante. Além disso, parece que o uso da palavra heteroafinidade tenta imprimir o sentido de que a bissexualidade está no sujeito, como característica de sua identidade sexual, enquanto que a heteroafinidade, ao contrário, não é característica da identidade sexual, mas seria algo que pode ser inserido quando o sujeito quiser e bem entender. Quando este padecer de devaneios. Dessa maneira, o uso da palavra heteroafinidade por Serginho é uma tentativa de dizer que esta possui uma certa leveza quando se refere à prática afetiva e sexual com pessoas de ambos os sexos, não tendo o suposto peso da bissexualidade. Desse modo, ao mesmo tempo em que ele constrói o posicionamento para heteroafinidade, elabora outro posicionamento para a bissexualidade.

O uso da palavra na notícia perpassa pela entoação de sensacionalismo, agregado aos sentidos de polêmica e incredulidade, tal qual fica dito no comentário “Desconheço ex torcedor do Bahia e ex viado”. Dessa maneira, outra posição é criada pelo jornalista, na qual o uso da palavra, tal qual o comportamento de Serginho, é uma espécie de farsa ou atitude problemática em relação à sexualidade.

## 5 Conclusão

O estudo aqui desenvolvido objetivou refletir acerca da identidade sexual no contexto contemporâneo, através da discussão sobre a conduta sexual de Serginho, materializada pelo uso da palavra heteroafinidade. A reflexão ocorre via os estudos enunciativo-discursivos, a partir dos quais objetivamos nos aproximar dos posicionamentos ideológicos. Inicialmente, entendemos que a palavra heteroafinidade nasce em um contexto sociocultural no qual a sexualidade é, ainda, pelo senso comum, compreendida como única e eterna, como essência no ser humano: a ideia de que os sujeitos nascem heterossexuais, a conduta divina e biologicamente correta, aceitável, porém, dentro do arcabouço teórico a que nos filiamos, apresentado em *Em tempos de sexualidade plástica*, vislumbramos que a sexualidade na atual sociedade está sujeita a ser assumida de diversas maneiras, pelo chamamento discursivo.

Nessa empreitada, a pergunta que nos mobilizou para a análise foi: “que efeitos de sentido são propostos pelo uso da palavra heteroafinidade no que diz respeito à identidade sexual?” A partir deste, outros questionamentos foram sendo delineados ao longo do texto, os quais certamente nos ajudaram na elaboração das respostas à primeira indagação.

- a) Em relação à ideia da inteligibilidade de gênero, com quais sentidos a palavra heteroafinidade é usada? Os sentidos de heteroafinidade estão situados em direção à sexualidade como construção contextual discursiva?
- b) Como a homossexualidade é encarada por Serginho? A palavra heteroafinidade aponta para a sexualidade maleável?

Após as análises, podemos concluir que, no gênero discursivo notícia, a palavra heteroafinidade é usada em tom de polêmica, logo, sensacionalista. Sendo assim, a citação da voz de Serginho, em seu uso desta palavra, parece colocar a ideia como indecisão ou farsa, dentro dos mesmos parâmetros de sentido com os quais muitos comentários surgiram na internet, conforme os que citamos em *A palavra inoculada pelo gênero*. Dessa maneira, há uma negação da possibilidade de um sujeito homossexual masculino efeminado vir a ter uma relação com uma pessoa do sexo oposto. Assim, a sexualidade é atrelada ao gênero, situada dentro da concepção de gênero inteligível. Desse modo, a sexualidade é também pensada como pertencente à essência dos sujeitos e como única, mesmo que a homossexualidade seja considerada desviante.

Seguindo esse raciocínio, na notícia, há a negação da sexualidade como posição-de-sujeito, como um constructo sociodiscursivo contextual, portanto, maleável, tal qual o caso da atriz Claudia Jimenez, que passou por um processo de mudança de conduta sexual, transitando da homossexualidade para a heterossexualidade. Aqui, nega-se a sexualidade como plástica, como um fio de algodão, sempre suscetível a rupturas e a novas configurações.

Na fala de Serginho, sua homossexualidade também parece ser encarada pelo viés da inteligibilidade de gênero, pois esta é dita como essência quando afirma “sou 100% gay”, sentidos que são assegurados pelo uso de “devaneios”, ao se referir à heteroafinidade. Por isso, a palavra é usada como defesa da própria face, visto que o senso comum ainda se pauta pela inteligibilidade de gênero. Desse modo, a homossexualidade certamente não é tomada como uma posição-de-sujeito, a qual em outros momentos e em outros contextos pode vir a ser outra, na perspectiva de sujeitos sexuais viajantes, mas como uma sexualidade única. Logo, o uso de heteroafinidade não concebe a sexualidade como maleável, ao menos em uma concepção consciente e explícita do uso.

Ou seja, o comportamento de Serginho nos remete à sexualidade plástica, à maleabilidade sexual. Entretanto, seu discurso vai em outra mão. A própria criação da palavra, que a princípio nos parece remeter à sexualidade plástica, informa-nos que seus sentidos se opõem aos sentidos da palavra bissexualidade, encarada como algo problemático pela sociedade e, ao que notamos, também por Serginho, bem como algo “pesado”. Heteroafinidade é citada como leveza da conduta sexual, bissexual, ainda dentro do projeto hegemônico da inteligibilidade de gênero.

Já compreendemos que há a vivência de outras posturas sexuais, no sentido de os sujeitos não seguirem apenas as orientações heterossexuais, a exemplo de Serginho, que se possibilita a, esporadicamente, manter relações sexuais com pessoas sexo oposto, mesmo se reconhecendo como homossexual efeminado. Porém, entendemos que falta essa compreensão chegar de modo consciente aos sujeitos do discurso, pois se mantém-presa ao discurso hegemônico da heteronormatividade. Ou seja, o conhecimento acerca de sexualidade (e do gênero) ainda é aquele de que todos nascem programados para uma sexualidade e um gênero, aspectos que são marcados pela morfologia dos corpos: aquele que nasce com o pênis é macho e automaticamente masculino, aquele que nasce com uma vagina é fêmea e automaticamente feminino. É a matriz da inteligibilidade de gênero que vigora

em nossa sociedade, sendo, muitas vezes, reforçada pela mídia, como na notícia em estudo. Assim, a mídia parece ter um papel regulador nas formas de ser sexuais dos sujeitos.

A percepção de que a sexualidade é biológica e de que, portanto, segue a matriz da inteligibilidade, pertencendo, assim, à essência dos sujeitos, está do mesmo modo na vida cotidiana, como nos apontaram os comentários de internautas acerca da conduta sexual do ex-BBB, e enraizada na vida e no discurso dos próprios sujeitos que subvertem a heteronormatividade, tal qual o discurso de Serginho. Sendo assim, permanece imperativo o discurso da sexualidade pela perspectiva biológica, como essência dos seres, fato que concorre para que a ideia de sexualidade como uma construção contextual discursiva seja pouco ou quase nada admitida/compreendida. Logo, esse outro novo saber fica subjugado ao conceito de gênero inteligível, mantendo-se, dessa maneira, a velha ordem de uma conduta natural e divina para a sexualidade.

Todavia, considerando que em nosso contexto a sexualidade é vivenciada de diversas maneiras, e não mais no *closet*, faz-se necessário que polêmicas como a de Serginho sirvam para que a sociedade reflita e ponha em discussão os saberes a respeito de identidade sexual (e de gênero), visto que, possivelmente, se outros olhares fossem lançados em direção às relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo, ocorreria menos preconceito e menos violência aos não heterossexuais, e até mesmo em relação a estes, os que se aventuram a uma sexualidade fora dos padrões sociais instituídos. Com certeza, menos preconceito seria internalizado pelos sujeitos homossexuais, bissexuais, travestis, transgêneros etc., pois eles compreenderiam que não há uma ordem a ser seguida.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail/VOLOSHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BASTOS, Liliana Cabral. Narrativa e vida cotidiana. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 118-127, 1º sem. 2004.
- BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 09-31.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 151-172.
- BUTLER, Judith. Sujeito do sexo/gênero/desejo. In: BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 16-60.
- CAMERON, Deborah; KULICK, Don. *Language and Sexuality*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- CARVALHO, Nelly. *O que é neologismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CEREJA, William. Significação e tema. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 201-220.
- CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva et al. *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 166-179.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. London: Riutkedge, 2003.
- GEORGAKOPOULOU, Alexandra. Thinking big with small stories in narrative and identity analysis. *Narrative Inquiry*, v. 16, n. 1, p. 122-130, 2006.
- GIDDENS, Anthony. *Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- GUIMARÃES, Carmem Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.
- HOFFNAGEL, Judith. Entrevista: uma conversa controlada. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva et al. *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 180-193.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LUFT, Celso Pedro. *Minidicionário Luft*. São Paulo: Ática, 2000.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). *Discurso de identidades: discurso como espaço de construção de gênero e sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 13-33.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. “Falta homem até pra homem”: a construção da masculinidade hegemônica no discurso midiático. In: HERBELE, Viviane Maria *et al.* *Linguagem e gênero trabalho, na mídia e em outros contextos*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006. p. 131-158.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. A performance narrativa do jogador Ronaldo como fenômeno sexual em um jornal carioca: multimodalidade, posicionamento e iconicidade. *Revista Anpoll*, v. 2, n. 27, p. 128-157, 2009.

PARKER, Richard. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 125-150.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio. “Cenas” do amor entre pessoas do mesmo sexo – abalos na inteligibilidade do gênero? In: COLOQUIO DE INVESTIGADORES EM ESTUDIOS DEL DISCURSO, 4.; JORNADAS INTERNACIONALES DE DISCURSO E INDISCIPLINA – ALEDAR, 1., 2009. Anais Córdoba/AR. 2009. p. 1-9.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. Do conceito de gênero ao de gênero “inteligível”. *Revista Multidisciplinar IESC*, v. 1, p. 65-71, jan./jun. 2010.

STELLA, Paulo Rogério. Palavra. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 177-190.

VALENTE, André. Produtividade lexical: criações neológicas. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid (Org.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 129-143.

VAN LEEUWEN, Theo. *Introducing Social Semiotics*. London; New York: Routledge, 2006.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 35-82.